



Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 6

Marcos William Kaspchak Machado
(Organizador)

 **Atena**
Editora

Ano 2019

Marcos William Kaspchak Machado
(Organizador)

Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 6

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

I34 Impactos das tecnologias nas ciências humanas e sociais aplicadas
6 [recurso eletrônico] / Organizador Marcos William Kaspchak
Machado. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. –
(Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais
Aplicadas; v. 6)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-166-4

DOI 10.22533/at.ed.664191103

1. Ciências sociais aplicadas. 2. Humanidades. 3. Tecnologia.
I.Machado, Marcos William Kaspchak. II. Série.

CDD 370.1

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de
responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

O livro “*Impactos das Tecnologias nas Ciências Humanas e Sociais Aplicadas 3*” aborda uma série de capítulos de publicação da Atena Editora, subdivididos em 4 volumes. O volume VI apresenta, em seus 31 capítulos, um conjunto de estudos acerca do papel político, histórico, urbanístico e geográfico nas modificação e construção dos espaços sociais modernos.

As áreas temáticas da ciência política e histórica nos faz entender o papel dos agentes públicos na construção social, bem como as modificações ativas, muitas vezes influenciadas por estas políticas, nos ambientes geográficos e urbanísticos atuais.

O contexto social contemporâneo é um reflexo das ações direcionadas pelas políticas de desenvolvimento regional e sustentável. Além das iniciativas estatais, observamos o papel da cooperação social no desenvolvimento regional e na formação de novas estruturas sociais e urbanísticas.

Por estes motivos, o organizador e a Atena Editora registram aqui seu agradecimento aos autores dos capítulos, pela dedicação e empenho sem limites que tornaram realidade esta obra que retrata os recentes avanços inerentes ao tema.

Por fim, espero que esta obra venha a corroborar no desenvolvimento de conhecimentos e novos questionamentos a respeito do papel transformador da educação, e auxilie os estudantes e pesquisadores na imersão em novas reflexões acerca dos tópicos relevantes na área social.

Boa leitura!

Marcos William Kaspchak Machado

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
DA RETÓRICA À ERÍSTICA DOS DISCURSOS DA SEPARAÇÃO DOS PODERES	
Álvaro Jáder Lima Dantas	
DOI 10.22533/at.ed.6641911031	
CAPÍTULO 2	18
LEVANTAMENTO DO IMPACTO DA POLÍTICA PÚBLICA DE MICROCRÉDITO RURAL NO TERRITÓRIO DO AGRESTE MERIDIONAL DE PERNAMBUCO	
Gáudia Maria Costa Leite Pereira	
João Batista de Oliveira	
Monica Aparecida Tomé Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.6641911032	
CAPÍTULO 3	29
CONSTRUÇÕES MITOLÓGICAS NA POLÍTICA: A DISPUTA PAULISTANA ENTRE PSDB x PT NAS ELEIÇÕES MUNICIPAIS DE 2016	
Aryovaldo de Castro Azevedo Junior	
Fabio Caim Viana	
Hertz Wendel de Camargo	
DOI 10.22533/at.ed.6641911033	
CAPÍTULO 4	44
OLIVA ENCISO: A PRIMEIRA DEPUTADA DE MATO GROSSO	
Dayane Freitas de Lourdes	
DOI 10.22533/at.ed.6641911034	
CAPÍTULO 5	61
ASSOCIATIVISMO, PARTICIPAÇÃO E REPRESENTAÇÃO POLÍTICA NO ESPÍRITO SANTO	
Anselmo Hudson Nascimento Siqueira	
DOI 10.22533/at.ed.6641911035	
CAPÍTULO 6	77
REFLEXÕES SOBRE TECNOLOGIAS SUSTENTÁVEIS VOLTADAS PARA O DESENVOLVIMENTO RURAL NO NORDESTE PARAENSE	
Suellen Lemes Freire Santos	
Márcia Brito da Silva	
Rosana Cardoso Rodrigues da Silva	
Romier da Paixão Sousa	
DOI 10.22533/at.ed.6641911036	
CAPÍTULO 7	84
A DINÂMICA DO COMÉRCIO VAREJISTA DE PAU DOS FERROS NO ÂMBITO DO CRESCIMENTO DAS CIDADES: APRECIÇÕES	
Ana Paula de Queiroz	
Franciclécia de Sousa Barreto Silva	
DOI 10.22533/at.ed.6641911038	

CAPÍTULO 8	100
OBSERVATÓRIO GEOGRÁFICO DA FRONTEIRA SUL: UMA PLATAFORMA DE ACESSO ÀS INFORMAÇÕES REGIONAIS	
Juçara Spinelli Leonardo Mancia Silveira	
DOI 10.22533/at.ed.6641911038	
CAPÍTULO 9	111
MEIO AMBIENTE E SAÚDE: UMA RELAÇÃO INDISSOCIÁVEL	
Edmeire Samali Alencar de Brito Clecia Simone Gonçalves Rosa Pacheco	
DOI 10.22533/at.ed.6641911039	
CAPÍTULO 10	123
<i>BRAZIL INSTRUMENTARIUM</i> : TIMBRE E IDENTIDADE CULTURAL	
Alice Lumi Satomi Lucas Benjamin Potiguara	
DOI 10.22533/at.ed.66419110310	
CAPÍTULO 11	138
DUQUE DE CAXIAS (RJ) SITUAÇÃO PARADOXAL: CRESCIMENTO ECONÔMICO X DESENVOLVIMENTO SOCIAL BAIXO	
Fernando Ribeiro Camaz	
DOI 10.22533/at.ed.66419110311	
CAPÍTULO 12	155
MACAÉ COMO CIDADE MÉDIA PELA ATRAÇÃO DE MOBILIDADES PENDULARES	
Célio Quintanilha Felipe Nascimento Lucas Maia	
DOI 10.22533/at.ed.66419110312	
CAPÍTULO 13	169
AUTOSSEGREGAÇÃO E ESPAÇOS RESIDENCIAIS FECHADOS NO SUBÚRBIO FERROVIÁRIO (SALVADOR, BA)	
Rinaldo de Castilho Rossi	
DOI 10.22533/at.ed.66419110313	
CAPÍTULO 14	185
A ÁGUA QUASE MINERAL... QUEM QUER COMPRAR?	
Marlucia Ribeiro Sobrinho Adinoraide Oliveira dos Santos Ronaldo Alves de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.66419110314	
CAPÍTULO 15	199
CRIAÇÃO DO “ESPAÇO CAATINGA” E OS DESAFIOS DA ARBORIZAÇÃO EM ESCOLAS PÚBLICAS DO VALE DO SÃO FRANCISCO	
Matheus Henrique Coutinho Bonfim Paulo Roberto Ramos Antonio Pereira Filho	
DOI 10.22533/at.ed.66419110315	

CAPÍTULO 16	209
DO MANGUEZAL À COMUNIDADE: EDUCAÇÃO AMBIENTAL PARA O DESCARTE CORRETO DE RESÍDUOS SÓLIDOS	
Melissa Ferreira Santos Marcos Paulo dos Santos Maria Carolina Lima Farias Alexandre Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.66419110316	
CAPÍTULO 17	216
CICLO DA MINERAÇÃO E FORMAÇÃO DE PEQUENAS CIDADES NA SERRA DO SINCORÁ-BAHIA: O EXEMPLO DE LENÇÓIS	
Dante Severo Giudice Michele Paiva Pereira	
DOI 10.22533/at.ed.66419110317	
CAPÍTULO 18	229
O LICENCIAMENTO AMBIENTAL E A ANÁLISE ESPACIAL DOS POSTOS DE COMBUSTÍVEIS EM RIO VERDE – GO	
Andréa dos Santos Vieira	
DOI 10.22533/at.ed.66419110318	
CAPÍTULO 19	244
INICIATIVAS ESTATAIS FAVORÁVEIS AO INVESTIMENTO DA REFINARIA PREMIUM I E SUAS IMPLICAÇÕES SOCIOESPACIAIS EM BACABEIRA (MA): PERMANÊNCIAS E PERSPECTIVAS	
Hellen Mayse Paiva Silva Antonio José de Araújo Ferreira	
DOI 10.22533/at.ed.66419110319	
CAPÍTULO 20	261
NOVAS CONSTRUÇÕES, NOVAS OCUPAÇÕES E NOVOS DESABAMENTOS: A VELHA “MALANDRAGEM” NA DINÂMICA IMOBILIÁRIA DA LAPA	
Flavio Sampaio Bartoly	
DOI 10.22533/at.ed.66419110320	
CAPÍTULO 21	278
O IMPACTO DO PROGRAMA MINHA CASA MINHA VIDA NA URBANIZAÇÃO DO SEMIÁRIDO BRASILEIRO: UMA ANÁLISE DE CASO EM PAU DOS FERROS, RN	
Leandro Gameleira do Rego João Freire Rodrigues	
DOI 10.22533/at.ed.66419110321	
CAPÍTULO 22	295
PERSPECTIVAS SOBRE DESENVOLVIMENTO, ESCALAS E TRANSFORMAÇÕES EM SEROPÉDICA: O II PLANO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO, O ARCO RODOVIÁRIO METROPOLITANO E OS CONDOMÍNIOS LOGÍSTICOS	
Gabriel Oliveira Lopes	
DOI 10.22533/at.ed.66419110322	

CAPÍTULO 23	307
ANÁLISE ARQUEOMÉTRICA DE OCRES VERMELHOS DO SÍTIO ARQUEOLÓGICO PEDRA DO ATLAS	
Luis Carlos Duarte Cavalcante Victor Hugo Gomes Tostes	
DOI 10.22533/at.ed.66419110323	
CAPÍTULO 24	323
ENERGIAS RENOVÁVEIS: UM ESTUDO SOBRE UMA ALTERNATIVA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NO BRASIL	
Francisca Scarlet O'hara Alves Sobrinho Ítalo Ricardo dos Santos Luana Araújo Matos Vívian Moura da Costa	
DOI 10.22533/at.ed.66419110324	
CAPÍTULO 25	332
PRAÇA ZAGURY: JARDIM SENSORIAL COMO PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO DE PATRIMÔNIO CULTURAL E ARQUITETÔNICO DE MACAPÁ –AP	
Leonardo Oliveira Galiano Manuella Dias Sussuarana	
DOI 10.22533/at.ed.66419110325	
CAPÍTULO 26	345
VERTICALIZAÇÃO E REESTRUTURAÇÃO DO BAIRRO: ALTERAÇÕES MORFOLÓGICAS NA PAISAGEM DO BAIRRO SANTA MÔNICA – UBERLÂNDIA (MG)	
Leandro Oliveira Silva Winston Kleiber de Almeida Bacelar	
DOI 10.22533/at.ed.66419110326	
CAPÍTULO 27	361
METODOLOGIA PARA INVESTIGAÇÃO DOS IMPACTOS DA INCORPORAÇÃO DO SISTEMA DE AQUECIMENTO SOLAR DE ÁGUA EM CONJUNTO HABITACIONAL NO MUNICÍPIO DE TUPÃ	
Waleska Reali de Oliveira Braga Camila Pires Cremasco Gabriel Ana Laura Klaic Mozena	
DOI 10.22533/at.ed.66419110327	
CAPÍTULO 28	373
INFLUÊNCIAS DOS PROJETOS URBANOS NOS ESPAÇOS PÚBLICOS DE PARAISÓPOLIS	
Wagner de Souza Rezende Angélica T. Benatti Alvim	
DOI 10.22533/at.ed.66419110328	
CAPÍTULO 29	397
DIRETRIZES BIOCLIMÁTICAS PARA HABITAÇÕES DE INTERESSE SOCIAL	
Carolina Mendonça Zina Karyna de Andrade Carvalho Rosseti Luciane Cleonice Durante	
DOI 10.22533/at.ed.66419110329	

CAPÍTULO 30 410

CERÂMICAS ARQUEOLÓGICAS DO SÍTIO ENTRADA DO CAMINHO DA CAIÇARA

José Weverton Lima de Sousa

Luis Carlos Duarte Cavalcante

DOI 10.22533/at.ed.66419110330

CAPÍTULO 31 443

ANÁLISE DA VIABILIDADE ECONÔMICA E DIMENSIONAMENTO ASSOCIADO À IMPLEMENTAÇÃO DE PAINÉIS FOTOVOLTAICOS EM UMA EDIFICAÇÃO VERTICAL

Carlos Eduardo Pscheidt

Andréa Holz Pfitzenreuter

DOI 10.22533/at.ed.66419110331

SOBRE O ORGANIZADOR..... 428

PRAÇA ZAGURY: JARDIM SENSORIAL COMO PROPOSTA DE PRESERVAÇÃO DE PATRIMÔNIO CULTURAL E ARQUITETÔNICO DE MACAPÁ –AP

Leonardo Oliveira Galiano

Universidade Federal do Amapá – Campus Marco
Zero
Macapá - Amapá

Manuella Dias Sussuarana

Centro de Ensino Superior do Amapá
Macapá - Amapá

RESUMO: Atualmente, as cidades na tentativa de se tornarem mais desenvolvidas, acabam subestimando suas origens que podem ser desde antigos equipamentos públicos a edifícios ou até mesmo abandonos de bens arquitetônicos e culturais de uma cidade. Estes são substituídos por novas construções atuais, ocasionando defasagem dos atuais equipamentos públicos e patrimônios (como praças e parques), ora por impossibilidade de manutenção e/ou reforma, ora por livre-arbítrio do poder público. Este artigo visa analisar a situação atual da Praça Isaac Zagury, em Macapá – AP, bem como suas concepções no Plano Diretor H. J. Cole (1979) até o presente momento. Através de coletas de dados e pesquisas científicas acerca de praças, bem como pautado nos princípios de dois teóricos de restauração – RIEGL E BRANDI –, a proposta de um jardim sensorial tornou-se pertinente e exequível, de forma que objetiva a manutenção e a preservação do patrimônio com sua identidade histórico-cultural mantida para a

população macapaense, já que o mesmo possui grande valor, o que garante o seu restauro, principalmente porque na capital amapaense são escassos os equipamentos públicos de lazer e cultura, bem como patrimônios culturais e arquitetônicos.

PALAVRAS-CHAVE: Patrimônio. Restauro. Jardim Sensorial.

ABSTRACT: Nowadays, cities in an attempt to become modern, end up despising their vestiges and origins that can be from old public equipment and buildings or even the abandonment of architectural and cultural heritage of a city. These are replaced by new constructions today, causing a lag of current public equipment and assets (such as squares and parks), now for the impossibility of maintenance and / or reform, and now for free will of the public power. This article aims to analyze the current situation of Isaac Zagury Square, in Macapá - AP, as well as its conceptions in the Master Plan H. J. Cole (1979) until the present moment. Through data collection and scientific research about squares, as well as based on the principles of two restoration theorists - RIEGL AND BRANDI - and the proposal of a sensorial gardens became pertinent and feasible, aiming at the maintenance and preservation of the patrimony with its cultural and historical identity maintained for the population of Macapa, since it has great

value, which guarantees its restoration, mainly because in the amapaense capital are scarce the public equipment of leisure and culture, as well as cultural and architectural patrimony

KEYWORDS: Patrimony. Restoration. Sensory Garden

1 | INTRODUÇÃO

Muito se discute sobre novas estratégias para a preservação e o uso de espaços públicos na cidade, e permite inclusão maior de usuários para usufruto do local. Os espaços livres são locais onde a população podem tecer seus laços afetivos com a cidade e com os demais usuários destas áreas. Neste contexto, os espaços livres públicos podem-se transformar em registros importantes, fortalecendo valores, tradições e identidades. A cidade de Macapá foi criada para abrigar a nova capital do Estado do Amapá, e em seu traçado inicial, já fora previstos para construção de praças. Tendo tido planejamento desde o Plano Diretor H. J. Cole, a Praça Isaac Zagury, que faz parte do Complexo Beira-Rio, possui uma íntima relação com seu entorno, este sendo parte primordial da construção da cidade de Macapá.

Em conjunto com as ruas, a praça constitui-se em um dos mais reputados espaços públicos urbanos da história do país, pois desde os tempos de Colônia, exercido um papel fundamental no contexto das relações sociais em desenvolvimento. Pelo fato de uma praça ser constituída de diversas formas;(de um simples terreiro a elegante jardim, de campo de jogos a centro esportivo complexo) a praça é, desta forma, um centro, um ponto de convergência da população que a ela desponta para o ócio, para comerciar, trocar ideias, e ainda, para encontros românticos ou políticos. Em outras palavras, desempenha vida urbana ao ar livre. Para instruir acerca dos rumos à tomar, foi-se utilizado como referencial dois dos grandes teóricos do restauro: Alois Riegl e Cesare Brandi. Estes que possuem ideologias em alguns pontos contrárias, mas que unidas são capazes de dar vida novamente à praça Isaac Zagury.

A cidade é fruto da alteração da paisagem natural em paisagem artificial criada, modificada e intensificada pelo ser humano, na qual controla o meio em que vive, subjugando o espaço e em um determinado tempo. Este processo tende a ser acumulativo dentre um período cronológico. Com isso, confirma-se que a cidade é uma obra humana, ao longo da história.

Sabe-se que o atual regime econômico do capitalismo, ajuda a promover desigualdades urbanas. Provedo de forma desigual o acesso de equipamentos para a população, a cidade tende a ser segregacionista, uma vez que a parcela considerável dos moradores não tem o acesso facilitado destes meios, seja pelas condições econômicas, culturais, de identificação com o meio e de locomoção, uma vez que a maior parte destes equipamentos se restringe ao centro, restando muito pouco para a periferia

2 | PRAÇA ZAGURY

A História da Praça Zagury inicia-se com o plano H.J. Cole (1979), a qual fora nomeada parque Beira-Rio, constituía uma região aterrada de modo que avançou o Rio Amazonas, na cidade de Macapá, capital do Amapá (ver figura 01). Para a composição do projeto, foram desenvolvidas subáreas que dividiam-se entre esportes, praça do monumento, calçadão do cais, estacionamento e áreas de jardins. Foram previstas diferentes quadras esportivas, vestiários, bar, iluminação dirigida, fileiras de palmeiras, bancos voltados para o Rio Amazonas, entre outros detalhes que pudessem proporcionar comodidade e satisfação aos transeuntes, como a figura 02 mostra o projeto retirado do Plano H. J. Cole.

De acordo com Macedo e Robba (2002) a praça Zagury pode ser classificada como “Praça Jardim”, onde o espaço é destinado a função de contemplação das espécies vegetais e/ou o contato com a natureza e a circulação. Espacialmente, uma praça é definida pela vegetação e outros elementos construídos, sendo ela, também, um espaço provido de símbolos, que transporta o imaginário e o real, marco arquitetônico e local de ação, palco de transformações históricas e socioculturais, sendo fundamental para a cidade e seus cidadãos. Constitui-se em local de convívio social por excelência.

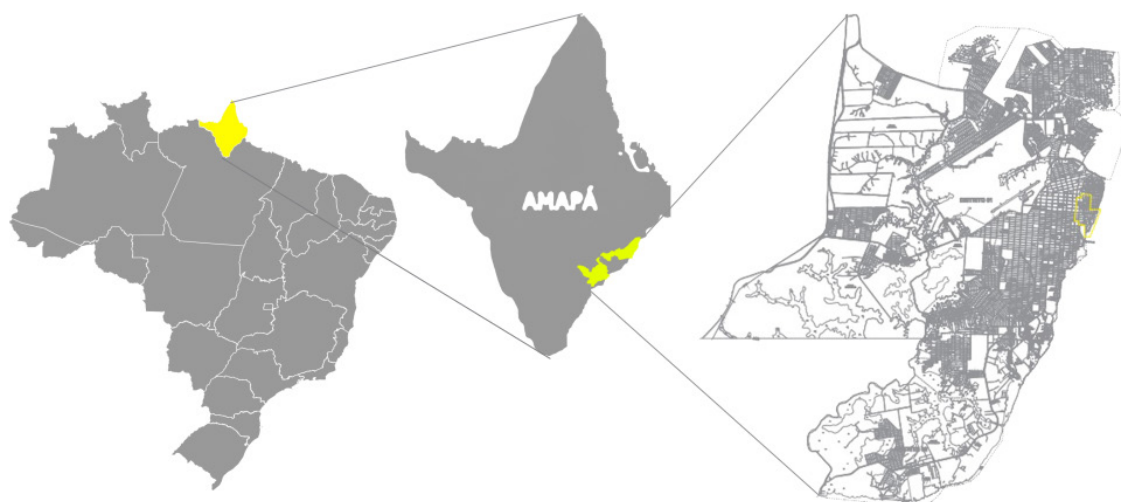


Figura 01 - Localização da Área de Intervenção.

Fonte: Elaborado pelos próprios autores, 2017.

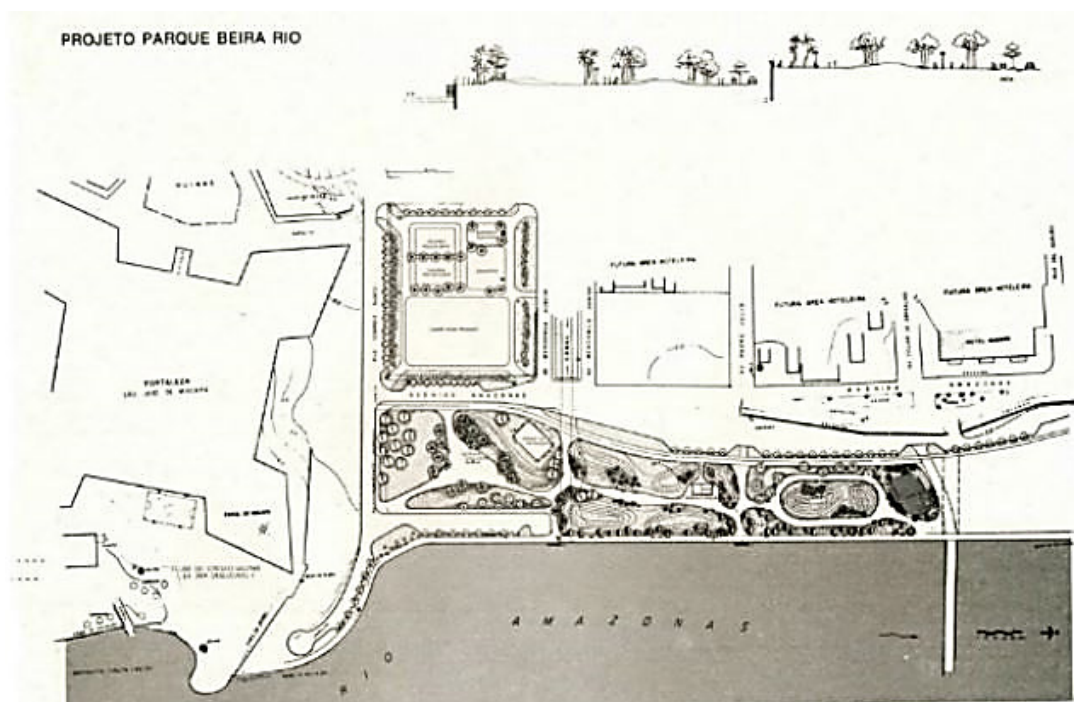


Figura 02 – Projeto do Parque Beira-Rio (Atual Praça Isaac Zagury).

Fonte: H. J. Cole, 1979, p. 6

O antes parque Beira-Rio passou a se chamar Praça Isaac Zagury e foi inaugurada, pelo então governador do Território Federal do Amapá, Aníbal Barcellos, em 1981 (DIÁRIO DO AMAPÁ, 2015) homenageando um dos membros da Família Zagury, que era uma das famílias mais proeminentes da história do Estado, o Isaac Jaime Zagury, nascido em Macapá, em 11 de agosto de 1914, quando o Amapá ainda pertencia ao Estado do Pará (*id*, 2015).

Localizado entre as ruas Praça Zagury e Binga Uchôa, que se torna depois, indo ao sul, a rua Azarias Da Costa Neto, no bairro Central, Macapá, às margens do Rio Amazonas, entre a Fortaleza de São José de Macapá e o Igarapé das Mulheres ao norte. Esta é uma região de grande fluxo de turistas que vêm apreciar a majestade do maior rio do mundo.

Assim como dois outros pontos paisagísticos no plano (Novo Marco Zero e Parque do Laginho), esse parque foi planejado visando a paisagem urbana, a vida da cidade, a saúde e o bem-estar da população. Além destes fatores, a construção dele teve grande influência do comércio próximo, bem como dos outros pontos turísticos e alguns residenciais do entorno.

As diretrizes de desenvolvimento do projeto se resumiam em enfatizar o paisagismo de um modo geral, transformar a cidade em um polo turístico, promover práticas esportivas e de recreação infantil, valorizar o trapiche e impedir a circulação de veículos. Contudo, comparando o planejamento original feito para a praça (H.J. COLE, 1979) e as imagens de sua inauguração aliado ao seu atual estado (Figuras 06 e 07), é notável que a real construção da praça fugiu quase que totalmente do grande plano urbanístico e paisagístico idealizado no H.J. Cole, ademais, encontra-se em

situação de abandono, com a presença de mato alto e falta de iluminação, tornando o local propício para assaltos, comercialização e uso de drogas e outras práticas de crime e prostituição.

Conforme Rigotti, (1965, *apud* DE ANGELIS *et al*, 2005, p. 2) “as praças são locais onde as pessoas se reúnem para fins comerciais, políticos, sociais ou religiosos, ou ainda, onde se desenvolvem atividades de entretenimento.” Principal defensor das praças, Sitte (1992, p. 25, *apud* DE ANGELIS *et al*, 2005, p. 2) escreve que nelas “[...] Concentrava-se o movimento, tinham lugar as festas públicas, organizava-se as cerimônias oficiais, anunciavam-se as leis, e se realizava todo tipo de eventos semelhantes”.

As praças são espaços livres, tendo em conta, nos dias de hoje serem vistas pela maioria das pessoas como espaços abandonados, de mendicância, ponto de drogas, e até mesmo de prostituição, restando pouco uso para meditação, dentre outras atribuições relativas a este setor público que pertence a toda sociedade. O surgimento de outros espaços propensos para trocas e diversidade cultural, como a escola, parques, por exemplo, é decorrente ao surgimento da praça, definindo esta como local importante a ser estudado como o um dos primeiros, senão o primeiro espaço físico a propiciar condições (DA SILVA, 2010). Benévolo (2003) aborda uma sequência cronológica do uso que o homem deu ao espaço e o surgimento do conceito como atualmente conhece-se de praças:

- SOCIEDADE NEOLÍTICA (10.000 a. C – 3. 000 a. C) O homem começa a intervir no espaço natural, não se utiliza só do que a natureza oferece para morar e viver e sim transforma este espaço de acordo com suas necessidades sociais. Espaço natural modificado preconizaria os primeiros esboços da praça, como lugar do encontro e convívio social. Todavia, o espaço ainda não é bem definido ou determinado.
- GRÉCIA ANTIGA (1.100 a. C – 146 d. C) Praça constitui-se de fato como um elemento marcante e de significativa relevância no desenho da cidade. Ela abrange duas funções básicas, sendo a primeira a de comércio e mercado, e a segunda como um local de reunião, para se pleitear sobre política, para ouvir decisões e juízos dos chefes, para assembleias públicas da população e é onde o cidadão grego relaciona com o outro.
- ROMA (753 a.C. – 476 d. C) O espaço da praça progride apenas na nomenclatura, conhecido agora como fórum ou foro romano, entretanto permanece com as mesmas características da ágora grega. Aqui este espaço continua a ser o centro comercial da cidade, urbe romana, sintetizando lojas, “praças” de mercado e de reunião, e continua a se caracterizar como um espaço político de grande importância, e exatamente onde se configurava o coração comunal, rodeando pelos edifícios de maior representatividade da cidade.
- IDADE MÉDIA (476 d. C – 1453 d. C.) Surge o conceito de praça como se conhece atualmente, tanto na nomenclatura como morfológicamente, atingindo seu ápice a partir do renascimento. No início a praça se constitui apenas de um espaço vazio na estrutura urbana, no entanto ainda preserva as funções contidas nas ágoras gregas e nos foros romanos, que é o comércio

e o espaço da reunião social. Morfologicamente são classificadas em duas tipologias básicas, sendo a primeira a praça do mercado, e a segunda à praça da igreja (denominada adro).

- **PRAÇAS COLONIAIS BRASILEIRAS (1500 d. C – 1822 d. C.)** As cidades coloniais brasileiras formavam-se sempre partindo da igreja como primeira edificação, configurando um crescimento urbano radiocêntrico, pois a questão religiosa era sempre presente e influente, o que faz surgir como principal tipologia os adros de igreja (praças situadas em frente às igrejas, capelas ou paróquias), revivendo as antigas praças medievais.
- **RENASCIMENTO (1300 d. C. – 1700 d. C.)** Surgimento dos novos planos e das novas cidades ideias renascentistas, surgem simultaneamente às praças ideais. Diferente dos períodos anteriores a praça não é só mais um vazio no espaço urbano, é agora um lugar especial e de destaque no traçado, projetada por grandes arquitetos como Brunelleschi (Piazza di SS. Annunziata em Florença 1409), Lorenzo Bernini (Piazza Obliqua de São Pedro de Roma, 1647 a 1651), entre outros, segundo os ideais de simetria e regularidade, peculiares do movimento renascentista.
- **PÓS-RENASCENTISTA (ANTES DO MODERNISMO)** Passa a ser utilizada como um elemento urbanístico de grande importância, fracionando o comércio e o mercado desse espaço.
- **MOVIMENTO MODERNISTA (1900 d. C. – 1950 d. C.)** Propõe total ruptura com o passado clássico atinge também a tipologia e a morfologia da praça, É na Carta de Atenas, em 1933 que a praça entra na categoria do lazer que se insere as praças modernas, que abre mão dos comércios e mercados existentes nas praças clássicas, medievais e renascentistas, e propõe uma revisão significativa nesse espaço. A praça moderna inclui em seu programa espaços mais dedicados ao lazer e ao divertimento, para isso são agregados quadras poliesportivas, playgrounds, pistas de caminhada, espaços para o lazer cultural, além da inserção da paisagem natural em seu espaço, por isso como no renascimento, recebe a atenção de grandes arquitetos e paisagistas.
- **PÓS-MODERNA (1950 d. C – até os dias atuais.)** Capta o programa e a tipologia modernista, de utilização de tal espaço para o lazer e o divertimento, a as quadras poliesportivas, as pistas de caminhada e os equipamentos, continuam a pertencer a este espaço. A principal mudança é a volta do mercado e do comércio, inseridos novamente ao espaço da praça. Outra mudança é devido ao estilo de vida rápido baseado na vida intensa capitalista, fazendo com que a praça se torne um espaço de fluxo contínuo das pessoas, insere-se nela também equipamentos públicos como o ponto de ônibus, por se caracterizar como um espaço “seguro” em meio ao trânsito “louco” e intenso das metrópoles contemporâneas. A praça aqui se configura também como um espaço multifuncional e adaptável, podendo ter os mais variados usos pela população.

3 | CONCEITOS ADOTADOS PARA A PRESERVAÇÃO DA PRAÇA ZAGURY: TÉORICOS DE RESTAURO E A SUGESTÃO DE JARDIM SENSORIAL

3.1 Teóricos do restauro

3.1.1 Alois Riegl

Alois Riegl foi um historiador da arte vienense que escreveu a obra “O Culto Moderno dos monumentos” em 1903 após ser designado para a reorganização da legislação de conservação dos monumentos austríacos, onde determina fundamentos de preservação que se baseiam nos valores de antiguidade, histórico, rememoração intencional, de uso, de arte relativo e de novidade. De um modo geral, em seu livro, Riegl enfatiza a importância histórica que um monumento possui e a identidade cultural que ele pode proporcionar à um determinado povo e que esta deve ser preservada.

Para Riegl, o monumento é criado pelo homem com a única finalidade de perpetuar uma memória, sendo o objeto de análise dessa pesquisa, Praça Isaac Zagury, tendo sido inicialmente criado como uma homenagem a quem o nome se refere, para que a população pudesse simbolicamente recordar durante anos os feitos do homenageado, e embora não tenha sido devidamente tombada pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), é considerada um patrimônio regional pela população.

Acompanhando o raciocínio teórico de Riegl, pode-se perceber que ele não necessariamente atribui uma solução ao problema, mas instrui através de diferentes formas de percepção do ambiente, as contrastantes formas de preservação, de modo a tornar a restauração um “ato cultural” (CUNHA, 2005).

Vale ressaltar que, para Riegl, os valores do monumento não provem do monumento em si, mas sim da importância e simbolismo que ele tem o poder de proporcionar. Ainda que não seja necessário adentrar acerca dos valores descritos por Riegl em seu livro, para a preservação e restauro da praça deve-se lembrar dos fundamentos que ele instrui, explicando que não cabe ao restaurador definir quais valores o objeto restaurado terá, mas que deverá ser levado em consideração o dado momento histórico da construção para nortear a proposta de restauro (ALOISE, 2014).

3.1.2 Cesare Brandi

Cesare Brandi foi um crítico de arte e professor de história da arte, considerado pai do restauro contemporâneo e autor do livro “Teoria da Restauração”, que foi publicado pela primeira vez em 1963.

Brandi adequa o ato de restaurar à compreensão do objeto em si, de modo que acaba prevalecendo o estético sobre o histórico (CUNHA, 2004). Tal entendimento refuta a ideologia de manutenção dos monumentos como sendo estes apenas artefatos

históricos, como o caso de Riegl. De sua teoria, Brandi apresenta dois axiomas:

1. **Primeiro Axioma:** “Restaura-se somente a matéria da obra de arte” (BRANDI, 1963, p.31), onde deve-se considerar que a concepção é um ato mental, e neste é impossível agir, podendo apenas alterar a matéria degradada.
2. **Segundo Axioma:** “A restauração deve visar ao restabelecimento da unidade potencial da obra de arte, desde que isso seja possível sem cometer um falso artístico ou um falso histórico, e sem cancelar nenhum traço da passagem da obra de arte no tempo” (BRANDI, 1963, p. 33), mesmo buscando restaurar a obra com toda sua potencialidade, não devem ser feitas falsificações artísticas e sacrifícios da veracidade do objeto.

Sendo assim, a atual situação do objeto limitará a ação restauradora, devendo desenvolver as sugestões contidas na obra e em registros autênticos do estado originário. De todo modo, assim como para Riegl, o que determinará a restauração é o valor contido no objeto. Brandi ainda define mais dois aspectos fundamentais para uma intervenção: “A integração deverá ser sempre e facilmente reconhecível; mas sem que por isto se venha a infringir a própria unidade que se visa a reconstruir” (BRANDI, 1963, p. 47) e a de “Que qualquer intervenção de restauro não torne impossível, mas, antes, facilitar as eventuais intervenções futuras” (BRANDI, 1963, p. 48).

Em conclusão à teoria de Brandi, deve-se conservar a ideia do restauro somente da matéria, sem a perda da essência original do objeto, sem falsificações artísticas e que seja possível e acessível futuras intervenções, para que a memória cultural à que pertence seja mantida.

3.1.3 Aplicação Dos Teóricos

A palavra “revitalização” sempre nos remete a mente a ideia de ações que surgem com o objetivo de aplicar a determinada área um novo valor, também com o intuito de uma nova vida econômica e social. As cidades estão crescendo sem atentar ao planejamento urbano e esquecendo-se de espaços livres para construção e dos já existentes, onde surgem problemas no uso da área, desvalorização de outros e até abandono e marginalização dos mesmos.

As praças públicas em si, ao longo dos tempos, levando-se em consideração aos aspectos que os contornam como definição, funções, usos e concepções, sofreram significativas mudanças. Isso se diz respeito às transformações que são impostas pelo tempo, as praças ainda representam no cotidiano urbano um espaço de extrema importância ao setor público.

Após breve análise dos princípios de dois teóricos do restauro e sabendo que, como dito anteriormente, em sua situação atual, a praça encontra-se em estado desvalorizado de sua memória. Nesse contexto, como deve-se proceder?

Embora Riegl e Brandi tenham divergências em algumas de suas teorias, os dois concordam com a ideia do restauro seguindo reflexões relacionadas à ideia original e ao período em que o objeto, nesse caso a Praça Isaac Zagury, tenha sido concebido.

Aliando essa ideia junto à um dos principais fundamentos de Brandi, que busca facilitar eventuais intervenções futuras, e ao contexto moderno e atual, é suposto que deva ser feito restauro com base no acervo disponibilizado pelo Plano H. J. Cole, uma vez que esse é um documento original disponível do período em que ocorreu a construção da praça, ainda que o mesmo não tenha sido rigorosamente proporcional à definitiva implantação.

Junto ao plano, deve-se também acolher a concepção mais atual da acessibilidade, que não há pouco tempo vem se tornando bastante presente e fundamental na formação da sociedade contemporânea.

3.2 Jardim sensorial

Desde a Antiguidade, os jardins foram espaços criados para o lazer e prazer, onde é possível viajar no tempo, vivenciar sensações diferentes, promover encontros e entrar em contato com a natureza em sua mais exuberante expressão (CHIMENTTHI; CRUZ, 2008). O jardim deve ser dividido por todo e qualquer usuário, incluindo os portadores de algum tipo de deficiência visual, auditiva ou física. Os idosos também têm esse direito, com sua natural perda de mobilidade e diminuição dos sentidos. Contudo, infelizmente, grande parte dos jardins brasileiros, tanto residenciais quanto públicos, não atende a essa parcela da sociedade pela falta de adequação de seus espaços. CHIMENTTHI e CRUZ (2008) argumenta que grande parte dos jardins não são adaptados aos portadores de deficiência e/ou idosos.

Nesse espaço é possível o desenvolvimento de atividades lúdicas, que estimulam os sentidos do ser para a percepção dos espaços, com isso promover a integração destes com o meio ambiente.

Este modelo de jardim vem sendo utilizado desde as primeiras décadas do século XX, com profissionais da área da saúde ao se preocupar em desenvolver ambientes funcionais, desenvolvidos e considerados eficientes para a reabilitação. Sabe-se que muitos planejamento de espaços desconsideravam iniciativas inclusivas, na grande maioria eram estressantes e inadequados, e com isso não proviam as necessidades emocionais e psicológicas dos pacientes. Decorrente disso, iniciou-se a urgência de criar locais de tratamentos onde não bastassem apenas a funcionalidade, mas que proporcionassem ao paciente um ambiente mais tranquilo com o suporte psicológico necessário para lidar com suas limitações. Foram assim criados os primeiros Jardins Terapêuticos.

Em seu estudo sobre os Jardins Sensoriais, Hussein (2011) relata que os mesmos tiveram sua origem associada à terapia horticultural praticada em hospital e Centros de Reabilitação da Inglaterra na década de 1970, e posteriormente adotada em escolas para pessoas com deficiências visuais. O objetivo de um jardim sensorial é a retomada desses sentidos, avivar a percepção adormecida e torná-la real novamente (BAPTISTA; FRANÇÃO; MARCHESE, 2008). Há um escasso acesso e desfrute aos espaços mais

humanizados e planejados para pessoas portadoras de deficiência, principalmente os cegos. Ainda fruto da longa data em que as mesmas eram relegadas ao isolamento em manicômios. Historicamente consideradas inúteis socialmente por muitas gerações, de modo que fortaleceu o preconceito e a indiferença. De fato o contato com meios sensoriais, permeados de texturas e odores, permitem às pessoas em geral, às com deficiências sensoriais especificamente, maior integração aos espaços urbanos como, neste caso, as praças (Figura 03).



Figura 03 – Exemplo de um Jardim Sensorial, localizado em Curitiba – PR.

Fonte: <http://www.curitiba.pr.gov.br/include/handler/download.ashx?t=i&m=52625>

Segundo especialistas, as ervas aromáticas possuem efeitos terapêuticos, entram através das células sensíveis que cobrem as passagens nasais, chegando direto para o cérebro. Desta forma tais ervas afetam as emoções, atuando no sistema límbico que também controla as principais funções do corpo.

As espécies plantadas possuem diferentes texturas e através delas é possível garantir resultado satisfatório, através do tato. As cores exuberantes das flores e folhagens também garantem excelentes resultados no que se refere ao aspecto visual do jardim. Os jardins sensoriais olfativos – comumente conhecidos como jardins aromáticos ou de ervas, de influência medieval - também podem ser utilizados. Para a audição, serão implantadas fontes e repuxos de água, cujo som encanta a qualquer pessoa. Podemos elencar para cada sentido uma contribuição deste modelo paisagístico:

- Tato, através das texturas das plantas;
- Audição, com os repuxos d'água, sons das folhas se mexendo, sons de pássaros e outros animais;
- Visão, através das cores exuberantes;

- Olfato com os aromas das espécies;
- Gustação, tão importante na formação do paladar junto com a olfação, a associação será feita através do gosto de algumas ervas do jardim.

Resumidamente podemos propor as seguintes espécies para compor um estudo através de alguns exemplos de jardins sensoriais, constatou que os elementos mais são utilizados são (Figura 05):

Espécies	Sentido
Camelia (<i>Camelia japônica</i>), gerânios (<i>Pelargonium crispum</i>), crisântemos (<i>Chrysanthemum morifolium</i>), flor-de-cera (<i>Hoya carnosa</i>), violetas (<i>Violeta odorata</i>), calêndula (<i>Calendula officinalis</i>), cavalinha (<i>Equisetum hyemale</i>), Hibiscus (<i>Hibiscus sabdariffa</i>)	Visão
Tomilho (<i>Thymus x citriodorus</i>), camomila (<i>Chamomilla recutita</i>), orégano (<i>Origanum vulgare</i>), alecrim (<i>Rosmarinus officinalis</i>), manjeriço (<i>Oncimum basilicum</i>), hortelã (<i>Menta piperita</i>), funcho/erva-doce (<i>Foeniculum vulgare</i>), Gardenias (<i>Gardenia augusta</i>), Jasmims com aromas de limão (<i>Stephanotis floribunda</i>), trepadeiras com aroma de tutti-frutti, como a diplodenia (<i>Mandevilla splendens</i>), orquídeas Sherry baby (aroma de Chocolate), lavanda (<i>Lavandula officinalis</i>), Capim-limão (<i>Cymbopogon citratus</i>).	Olfato
Veludo-roxo (<i>Gynura</i>), corações emaranhados (<i>Ceropegia woodii</i>), tuia holandesa/tuia-limão (<i>Cupressus macrocarpa</i>)	Tato
Tomatinhos (<i>Solanum lycopersicum</i>), morangos (<i>Fragaria vesca</i>), laranjinha kinkan (<i>Fortunella Margarita</i>).	Paladar
Fontes de águas	Audição

Figura 05 – Espécies mais utilizadas em um jardim sensorial.

Fonte: GALIANO, L; SUSSUARANA, M; 2017.

Essas espécies compõem os temperos nos preparos de diversos pratos alimentícios pela população local. Para a execução do projeto será empregado técnicas agroecológicas; a produção é destinada para autoconsumo, abastecimento de restaurantes populares, cozinhas comunitárias e venda de excedentes no mercado local. Desta proposta se resultará em inclusão social, melhoria da alimentação e nutrição e geração de renda. Um outro aspecto forte é a reutilização de lotes abandonados ou sem uso no espaço urbano, tornando-os produtivos e úteis. Usualmente, boa parte de quintais domésticos e terrenos baldios são destinados ao acúmulo de lixo e entulho (LADWING; SCHWALM, 2012).

4 | CONCLUSÕES

A tarefa de preservação patrimonial não é fácil, uma vez que exige muitos estudos para identificar a solução mais adequada, além de grande quantidade de recursos financeiros. Com isso, muitos espaços públicos de lazer, cada vez mais escassos nas cidades, com a individualização e a vida cada vez mais privativas, mais confinadas à casa própria. O monumento não mostrará o seu valor simplesmente pela sua existência, como Riegl apontou, mas o simbolismo e também pela participação

popular daquele espaço é o que define a preservação do local. Por isso, muitos lugares históricos tiveram que sofrer pequenas (algumas profundas) adaptações, para se manter existente para a atual geração, bem como as posteriores.

A praça homenageia um dos principais ícones nascido na cidade, Isaac Zagury, é importante para a capital amapaense, o que torna a reinvenção da praça, assegurando sua preservação tanto arquitetônica, patrimonial e cultural se faz necessária. Algumas praças recentemente sofreram reformas e manutenções do governo estadual e municipal, devido à importância cultural, lazer e estética que estas possuem em uma cidade com enxutas opções de lazer e de memórias de sua história urbana.

No Amapá existem poucos espaços destinados ao lazer educativo, e nenhum deles contempla totalmente o conceito de Jardim Sensorial, além de haver poucas memórias acerca da importância histórica da orla de Macapá e a tentativa de se construir um “cartão-postal” na entrada da cidade, desde do Plano Diretor HJ Cole, até os dias atuais. Muitos outros patrimônios a capital vem correndo risco de extinção por não ter o registro, memória e/ou conservação; sendo substituídos por novas edificações comerciais ou ficam em estado de abandono. Sem a intervenção imediatamente, bem como propostas de novas funções, a praça Isaac Zagury corre risco de se tornar desvalorizada gradativamente, abandonada pelos visitantes, esquecida da sua função original.

Manter o uso e a conservação do espaço público, com novas funcionalidades é uma das prerrogativas para as cidades se tornarem sustentáveis e mais humanizadas, sem abrir mão de suas evidências históricas. E se isso é acompanhado de proposta diferenciada de inclusão, e com isso permite que os projetos urbanísticos de restauro desempenhem importante papel social de intervenção.

A proposta de construir um jardim sensorial para praça Isaac Zagury e toda a frente da Orla de Macapá é emergente. Embora tenha ótimo potencial estético e turístico, encontra-se degradado e abandonada, convertendo-se em um ponto de consumo e comercialização de drogas, apelidada de “Cracolândia” impedindo os moradores da cidade usufruírem deste espaço público, além de desprover a este lugar vínculo de pertencimento com o espaço. Logo, e não raro, perceber a não importância em se manter e conservar espaço público ou valorizar homenagens monumentos, edificações ou espaços livres na capital. De modo que à proporção que cresce o desvinculo da população com o espaço, cresce a depredação patrimonial do espaço público.

Os jardins sensoriais têm sua eficácia, quando se trata de inclusão social e de preservação e uso de patrimônios na cidade, pois promovem tentativas de novos usos para apreciar o espaço por parte dos moradores da capital, sem perder a essência original da praça, como preconizado por Brandi, mas preservar a história desta praça, para os moradores da capital, para gerações posteriores, como defendia Riegl.

REFERÊNCIAS

- ALOISE, J. M. **O restauro na atualidade e a atualidade dos restauradores**. Artigos do Patrimônio. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/>>. Acesso em: 08 set. 2017.
- AMAPÁ. Governo do Território Federal do Amapá. **Planejamento Urbano, Turismo e Arquitetura**. Consultoria de H. J. Cole + Associados S.A. 1976/1979.
- BAPTISTA, A. S.; FRANÇÃO, P.; MARCHESE, D. M. A. Jardim sensorial. **Centro de Pesquisa e Estudo de Fisioterapia em Pediatria**. São Paulo: UNISA, 2008. Disponível em: <<http://www.cpep-fisio.com.br/producao/paineis/iniciacao/jardim.html>>. Acesso em: 16 set. 2017.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- CARNEIRO, A. R.; MESQUITA, L. B. **Espaços Livres do Recife**. Recife: Prefeitura da cidade de Recife/ Universidade Federal de Pernambuco, 2000.
- CHIMENTTHI, B; CRUZ, G. **Jardim sensorial: um jardim deve ser possível para todos**. Casa & Cia.arq, Niterói, RJ, 2007. Disponível em: <http://www.casaecia.arq.br/jardim_sensorial.htm>. Acesso em: 16 set. 2017.
- COSTA, R. G. S., BENACHIO, M. V., BORGES, A. A. S. & COLESANTI, M. T. M. **Uso, afetividade e percepção: um estudo da satisfação dos frequentadores do Parque do Sabiá em Uberlândia-MG**. Revista de Geografia, p. 14-24, 2011.
- CUNHA, Claudia dos Reis. **Alois Riegl e “O culto moderno dos monumentos”**. Revista CPC (USP), v. 1, p. 6-16, 2006.
- DIÁRIO DO AMAPÁ: Disponível em: <<https://www.diariodoamapa.com.br/2015/09/01/memorial-amapa-resgata-o-nome-da-praca-zagury/>>. Acesso em: 01 set. 2017.
- DE ANGELIS, Bruno Luiz Domingues et al. **Praças: História, Usos e Funções**. Editora da Universidade de Maringá - Fundamentum (15), 2005.
- HUSSEIN, H. **The Influence of Sensory Gardens on the Behaviour of Children with Special Educational Needs**. Asian Journal of Environment-Behaviour Studies, v. 2, n. 4, Janeiro, p. 77-93, 2011.
- KÜHL, B. M. **Cesare Brandi e a teoria da restauração**. Pós. Revista do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAUUSP, v. 21, p. 198-211, 2007.
- LADWING, N. I; SCHWALM, H. **Espaço urbano sustentável**. Planejamento, gestão territorial, tecnologia e inovação/ Nilzo Ivo Ladwing, Hugo Schwalm – Florianópolis: Insular, 2012.
- MACEDO, S. S.; ROBBA, F. **Praças brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2002.
- PORTA RETRATO AMAPÁ. Disponível em: <<https://porta-retrato-ap.blogspot.com.br/2016/07/foto-memoria-de-macapa-vista-aerea.html>> Acesso em: 17 set. 2017.
- RIEGL, Alois. **El culto moderno a los monumentos: caracteres y origen**. Madrid: Visor, 1999.
- SILVA, Geovany J. A. da. **Projeto de Intervenção Urbana: Uma ruptura de paradigmas**. São Paulo: Ed. Blucher, 2010.
- TUAN, Y. F. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. São Paulo: Eduel, 2012.

SOBRE O ORGANIZADOR

MARCOS WILLIAM KASPCHAK MACHADO Professor na Unopar de Ponta Grossa (Paraná). Graduado em Administração- Habilitação Comércio Exterior pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Especializado em Gestão industrial na linha de pesquisa em Produção e Manutenção. Doutorando e Mestre em Engenharia de Produção pela Universidade Tecnológica Federal do Paraná, com linha de pesquisa em Redes de Empresas e Engenharia Organizacional. Possui experiência na área de Administração de Projetos e análise de custos em empresas da região de Ponta Grossa (Paraná). Fundador e consultor da MWM Soluções 3D, especializado na elaboração de estudos de viabilidade de projetos e inovação.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-166-4

